



AIDS E INFECÇÃO PELO HIV NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS GRUPOS POPULACIONAIS

Amanda Sayuri Nakamura¹; Melissa Ayumi Tanaka²; Simone Martins Bonafé³

RESUMO: No Brasil, foram notificados 656.701 casos de AIDS até junho de 2012, com estimativas de que, a cada ano, 2,7 milhões de pessoas sejam infectadas pelo HIV. Ao longo da evolução da epidemia, a doença, que anteriormente associava-se a grupos de risco de homossexuais, usuários de drogas e hemofílicos, passou a estar condicionada a comportamentos de risco distribuídos nos diferentes grupos populacionais. O objetivo deste trabalho é estudar os fatores psicológicos, sociais, culturais e políticos, envolvidos com os comportamentos de risco, e consequente vulnerabilidade dos grupos de jovens, idosos e mulheres no Brasil. O estudo consistirá em levantamento epidemiológico sobre AIDS nos principais sistemas de informação de saúde e revisão bibliográfica de artigos indexados nas bases de dados LILACS e SciELO, através de leitura, seleção e arquivo dos tópicos de interesse, com o objetivo de analisar as contribuições científicas que se efetuaram sobre o assunto. Como resultado, espera-se identificar os comportamentos de risco para a infecção pelo vírus da AIDS associados às tendências epidemiológicas, bem como o progresso das ações de prevenção e do acesso aos serviços públicos de saúde e sua eficácia no contexto de vulnerabilidade, visando despertar o interesse de pesquisadores e profissionais na promoção da saúde com base nas necessidades específicas de cada grupo populacional.

PALAVRAS-CHAVE: AIDS; HIV; Qualidade de vida; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Vulnerabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, 34 milhões de pessoas no mundo vivem atualmente com o HIV sendo que 2,5 milhões de pessoas foram infectadas com o vírus em 2011, apresentando mortalidade de 1,7 milhões de pessoas (WHO, 2012). No Brasil, foram registrados 656.701 casos de AIDS de 1980 a junho de 2012, com estimativas de que, a cada ano, 2,7 milhões de pessoas sejam infectadas (Brasil, 2012). No início da epidemia, a infecção pelo HIV atingia, principalmente, os grupos populacionais específicos de homossexuais, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos, designados como grupos de risco para a doença. No entanto, segundo o Ministério da Saúde, essa associação é inválida atualmente, visto que a AIDS se distribui em toda a população, e sua vulnerabilidade tornou-se condicionada a comportamentos de risco dos diversos grupos populacionais, cada qual refletindo tendências políticas, históricas, sociais e culturais (Brasil, 2012). Nesse sentido, espera-se determinar os fatores envolvidos com a vulnerabilidade dos grupos populacionais de mulheres, jovens e idosos, correlacionando-os com dados epidemiológicos, cujo objetivo é fornecer um instrumento

¹ Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR, Maringá-PR, Brasil. amanda.nakamura2@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR, Maringá-PR, Brasil. melissa3880@gmail.com

³ Professora Doutora do Curso de Medicina do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR, Maringá-PR, Brasil. drasimonebonafe@terra.com.br

para a análise das medidas de prevenção preconizadas na atualidade e sua eficácia sobre os comportamentos de risco, tendo em vista o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas e despertar o interesse de pesquisadores e profissionais na promoção de saúde e qualidade de vida com base nas necessidades específicas de cada grupo populacional.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho utiliza o referencial da pesquisa bibliográfica, de análise qualitativa, através de um levantamento realizado em base de dados nacionais e estrangeiros. O objeto de análise constituiu-se da produção científica veiculada em periódicos indexados na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) Também foram utilizadas as bases de dados do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, disponibilizadas pelos sites oficiais desses órgãos, para o registro dos dados epidemiológicos. Como técnica, a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida através de leitura, seleção e arquivo dos tópicos de interesse, com o objetivo de analisar as contribuições científicas que se efetuaram sobre o assunto. Na leitura e análise das publicações, procurou-se abordar as questões relativas ao HIV/AIDS nos grupos de mulheres, jovens e idosos; os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais associados às tendências epidemiológicas; e os comportamentos de risco relacionados à vulnerabilidade de cada grupo populacional.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados do Ministério da Saúde, foram registrados no Brasil mais de 66 mil casos de AIDS na faixa etária entre 13 e 24 anos, cerca de 11% dos casos notificados desde o início da epidemia. Segundo Giacomozzi & Camargo (2011), o uso de drogas, álcool e violência, acrescidos por dificuldade de acesso à saúde e desigualdade social entre os jovens, são fatores que contribuem para a vulnerabilidade desse grupo. Afirmam ainda que experiências sexuais não planejadas, a propensão de assumir riscos e o número parceiros são motivos que influenciam o uso do preservativo. Para Wiese & Saldanha (2011), existe ainda a vulnerabilidade em relação ao gênero, sendo que a construção da identidade na sociedade traz vulnerabilidade tanto para homens quanto para mulheres. A masculinidade é relacionada aos modelos culturais de gênero e, quanto mais os homens se aproximam da identidade criada e culturalmente aceita, maior a possibilidade de terem sua masculinidade atestada (Júnior et al., 2012). A masculinidade hegemônica estimula a ideia de virilidade, força, entre outros aspectos que requerem exposição a maiores riscos, tornando-os assim mais vulneráveis ao HIV. Nesse contexto, os homens jovens são considerados mais vulneráveis em relação aos adultos, sendo observado aumento de incidência de HIV/AIDS nessa população (Júnior et al., 2012), embora dados sobre os adolescentes entre 13 e 19 anos apontem a tendência da feminização da AIDS nessa faixa etária.

Em relação ao grupo de idosos, os avanços na área da saúde e melhorias nas condições de vida refletiram no aumento da longevidade de vida do brasileiro (Laroque et al., 2011) resultando no processo progressivo de envelhecimento da população (ONU, 2012; IBGE, 2008). Concomitantemente, houve um aumento na incidência de casos de infecção por HIV na faixa etária de 60 anos ou mais, em contraste à relativa estabilização em outras faixas etárias e grupos populacionais (Brasil, 2012). Laroque et al. (2011) afirma que a ampliação do período sexual ativo, resultante do aumento da qualidade de

vida, aliado aos avanços tecnológicos em saúde, como os tratamentos de reposição hormonal e medicações para impotência, têm permitido o redescobrimto de novas experiências, como o sexo, entre os idosos. Ao mesmo tempo, observa-se uma tendência de redução do uso de preservativos nas relações sexuais com o aumento da idade, demonstrado em um estudo realizado por Lazzarotto et al. (2008), no qual mais de 80% da amostra relatou não utilizar preservativos. Outro fator importante é a escassez de estudos sobre HIV/DSTs em idosos, diretamente relacionada à quantidade de investimentos em promoção da saúde e desenvolvimento de políticas de prevenção, demonstrada por Lazzarotto em estudo que constatou a existência de lacunas de conhecimento sobre HIV/AIDS na população da terceira idade, principalmente em relação a conceitos, formas de transmissão e vulnerabilidade.

Em relação ao grupo de mulheres, o aumento do número de casos se deu em todas as faixas etárias, em um processo conhecido como feminização da AIDS, na qual a razão entre os sexos evoluiu de 15 em homens para cada caso em mulheres em 1986, para 15 casos em homens para cada 10 em mulheres a partir de 2002, sendo ainda maior na faixa etária de 13 a 19 anos, com prevalência feminina de 10 casos para cada 8 em meninos (BRASIL, 2010). Segundo Alves e colaboradores (2002), as mulheres apresentam vulnerabilidade em relação ao HIV por fatores culturais associados à assimetria entre gêneros na sociedade quando traçadas as identidades para homens e mulheres (Wiese; Saldanha, 2011), que pode ser exemplificada pelo fato de que as mulheres têm baixo poder de negociação sexual, tornando-as propensas a terem uma relação sexual sem o uso de preservativo (Santos et al., 2009). De acordo com a pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira, lançada pelo Ministério da Saúde em 2009, o uso de preservativos revelou-se menor em mulheres (33,6%) do que em homens (57,4%), em relações com parceiros casuais. Estudos realizados por Alves e colaboradores (2002) demonstraram que há baixa percepção de risco, entre as mulheres, sobre a possibilidade de infecção por HIV, visto que a maioria das portadoras pesquisadas apenas procurou realizar o teste e saber seu *status* sorológico apenas após alguém da família ser diagnosticado com HIV/AIDS.

4 CONCLUSÃO

O estudo dos grupos populacionais e suas vulnerabilidades são fundamentais, visto que são fatores diretamente relacionados à realidade epidemiológica atual. O grupo de homens representa a maioria dos casos de AIDS no país; o de mulheres apresenta uma taxa de crescimento extremamente relevante, principalmente na faixa etária de 13 a 19 anos; a população de idosos, que cresce com o envelhecimento da população brasileira, representa uma parcela significativa em detrimento à escassez de campanhas de prevenção e estudos desta faixa etária. Em todos esses grupos, os aspectos históricos, educacionais, culturais e sociais são determinantes sobre o comportamento sexual e, conseqüentemente, sobre a vulnerabilidade à doença. Além disso, estudos têm demonstrado que, a falta de informação sobre o vírus e suas formas de transmissão e prevenção, somada aos aspectos psicossociais envolvidos no estereótipo da doença são fatores importantes no contexto de infecção pelo HIV. Nesse contexto epidemiológico são essenciais as ações de políticas públicas na área da saúde visando à redução da vulnerabilidade, através de campanhas em abordagem que contemple não só os aspectos relacionados à doença, mas também os aspectos psicológicos e sociais relacionados. Essas ações, como já demonstrado ao longo da história da pandemia, dependem diretamente da conscientização de toda a população e de ações que mobilizem a comunidade a atuar ativamente sobre a política de saúde pública.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rozilda Neves et al. Fatores psicossociais e a infecção por HIV em mulheres, Maringá, PR. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, Ago.2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102002000500006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jun. 2013.

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho; AREOSA, Antônio Luiz. Envelhecimento e dependência: desafios a serem enfrentados. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p.138-150, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fass/article/view/3943/3207>>. Acesso em 22 de Junho de 2013.

BRASIL. Departamento de Dst, Aids e Hepatites Virais. Ministério da Saúde. **DST, AIDS e Hepatites Virais**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/>>. Acesso em: 24 junho 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira 2008**. Brasília: MS, 2011.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico AIDS-DST Versão Preliminar**. Brasília: MS, 2012.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel; CAMARGO, Brigido Vizeu. Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e caucasianos em relação ao HIV/SIDA: Estudo comparativo entre Brasil e França. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 12, n. 1, 2011. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164500862011000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 jun. 2013.

GUARNIERI, Ana Paula. O envelhecimento populacional brasileiro: uma contribuição para o cuidar. **Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**, v. 33, n. 3, p.139-140, 2008. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1983-2451/2008/v33n3/a139-140.pdf>>. Acesso em: 22 de Junho de 2013.

LAROQUE, Mariana Fonseca et al. Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p.774-780, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n4/v32n4a19.pdf>>. Acesso em: 22 de Junho de 2013.

LAZZAROTTO, Alexandre Ramos et al. O conhecimento de HIV/aids na terceira idade: estudo epidemiológico no Vale do Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, p.1833-1840, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n6/a18v13n6.pdf>>. Acesso em: 22 de Junho de 2013.

MARQUES JUNIOR, Joilson Santana; GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, Feb. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232012000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Jun. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE.UNAIDS. Aids epidemic update. Disponível em:
URL:< <http://www.unaids.gov>> Acesso em: 22 de Junho de 2013.

SANTOS, Naila J. S.et al. Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2013 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2009001400014&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jun. 2013.

WIESE, Iria Raquel Borges; SALDANHA, Ana Alayde Werba. Vulnerabilidade dos adolescentes às dst/aids: ainda uma questão de gênero?. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 12, n. 1, 2011. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862011000100007&Ing=pt&nrm=iso>. acesso em 25 jun. 2013.